

ARTIGO DE LUXO

DF - Cultura

JORNAL DE BRASÍLIA

O BRASILIENSE FAZ O POSSÍVEL E O IMPOSSÍVEL PARA CONTINUAR PAGANDO O PREÇO DA CULTURA

24 NOV 1991



Geraldo (cineasta) e Malu Moraes (atriz)



Os deputados distritais Carlos Alberto e Geraldo Magela

Gastos reduzidos ao essencial e racionalizados ao extremo: "A teoria do supérfluo é uma forma de impedir que a população tenha um espírito crítico a partir da informação cultural"

Mesmo com os salários de deputados, redução e seleção de gastos: "alguém empobrece mais quando deixa de consumir o produto cultural do que quando deixa de usar uma grife da moda"

PROGRAMAÇÃO

A

Teatro

1 peça local/mês

A Batalha de Oliveiros — Cr\$ 3.500,00

Música

1 show —

Marina — Cr\$ 8.000,00

1 disco

Rita Lee — Cr\$ 8.800,00

Cinema

2 filmes/mês — Cr\$ 3.000,00

4 vídeos/mês — Cr\$ 6.000,00

Literatura

1 livro/mês

Cartas de um sedutor — Cr\$ 6.350,00

1 revista HQ

Gibi Seriado — Cr\$ 1.100,00

TOTAL

Cr\$ 36.750,00

Obs.: 1) Nestes cálculos não estão incluídos os gastos com transporte e gorjetas; 2) Os preços de cinema tomados como base são os mínimos; 3) Os espetáculos e produtos citados são, obviamente, apenas exemplos; 4) Não estão também considerados quaisquer gastos com lanche, drink ou jantar após o cinema ou o espetáculo; 5) Todos os gastos citados são individuais

ANAMARIA ROSSI

A classe média não vai mais ao paraíso. Pelo menos, não com a mesma frequência que antes. Nem mesmo a imaginação e os sonhos foram poupados pela crise, que obriga todos a cortarem gastos com combustível, energia, alimentação, roupas e escolas particulares. Principal fonte de lazer, formação e informação, os produtos culturais são os primeiros da lista de cortes, e passam, de bens essenciais, a artigos de luxo.

Mesmo sem colocar na ponta do lápis os gastos com produtos culturais, muitas pessoas já cortaram, ou reduziram drasticamente, esse tipo de consumo. "Cultura, antes, era algo sagrado em nossa vida. Hoje, é produto de luxo", conta o bancário Fernando Mendonça, que tem uma renda familiar de cerca de Cr\$ 1.600 mil. Sua esposa, a radialista Jussara Mendonça, lamenta ter ido pela última vez à sala Villa-Lobos do Teatro Nacional em dezembro de 1990: "Este ano não pude ver nenhum show ou peça importante".

"Levamos uma vida bem mais austera", afirma Jussara, que não abre mão do cinema e da música porque estão diretamente ligados ao seu trabalho. Jussara é produtora e apresentadora de programas de blues e jazz na Rádio Nacional FM, mas garante que só compra os CDs de que necessita quando encontra em promoções. Para suprir sua "carência de cultura", ela vai toda semana ao cinema, e aproveita a programação cultural gratuita, como os saraus às quintas-feiras no foyer da Villa-Lobos. As locações de vídeo foram substituídas pelos bons filmes da tevê, e Jussara não compra livros há muito tempo. "Tentarei repor essa defasagem quando receber meu décimo-terceiro salário", conta.

Seletivos — Fernando e Jussara não são o único casal a sacrificar o consumo de um bem que lhes é essencial. Sem cortar completamente de seu orçamento os produtos culturais, o cineasta Geraldo Moraes e sua esposa Malu Moraes, atriz, afirma ter racionalizado e reduzido ao essencial seus gastos com cultura. Sorte deles que, em se tratando de criadores de produtos dessa natureza, o mínimo de cultura necessário para sua vida está num patamar mais elevado que para a média de sua classe. "Cultura, para nós, é uma necessidade básica de trabalho", afirma Geraldo.

O cineasta rechaça veementemente a tese de que cultura possa ser considerada um bem supérfluo. "Hoje as pessoas não têm dinheiro para ir ao teatro da mesma forma como não têm para comer, que também é essencial", argumenta. Na sua opi-



Fernando (bancário) e Jussara (radialista)

O que era produto "sagrado" virou "artigo de luxo". Quanto custa, para o casal, ser platéia? Uma vida mais austera, diminuindo a locação de filmes e vendo mais os bons filmes programados pela TV. Esquecendo que a Villa-Lobos existe

nião, a "teoria do supérfluo" é uma justificativa para se impedir o acesso à cultura, que forma espírito crítico. "Todos os governos que pretendem administrar o Estado sem ouvir a sociedade atingem, em primeiro lugar, a cultura, assim como nas guerras, em que os primeiros alvos são os meios de comunicação", exemplifica.

Com uma renda familiar situada em Cr\$ 1.200 mil, Geraldo e Malu precisam sacrificar algumas coisas para manter o consumo cultural necessário. O cineasta teve que optar entre comprar alguns livros e assistir à apresentação de dança do Grupo Corpo, nos dois casos contribuições

importantes para a peça teatral que está escrevendo. Geraldo comprou os livros. Como em todos os outros aspectos da vida familiar, o consumo cultural da família Moraes é bastante seletivo.

Caso à parte ostentando uma renda mensal de cerca de Cr\$ 2 milhões, dois dos deputados distritais mais envolvidos com as questões culturais de Brasília ainda não precisaram cortar seus gastos nesta época. Geraldo Magela (PT) e Carlos Alberto Torres (PCB) conseguem manter suas idas ao cinema e a espetáculos teatrais e musicais, apesar de terem plena consciência de que sua situação é

bem diferente do restante da classe média.

Autor de um dos projetos que deram origem à Lei dos Incentivos Fiscais à Cultura do DF, Magela garante que vai em média seis vezes por mês ao cinema, e acompanha de perto a produção teatral da cidade. Se vivesse com seu antigo salário de bancário, que atualmente estaria em cerca de Cr\$ 600 mil, ele afirma que teria cortado, no mínimo, 50% dos gastos com cultura. Mas, apesar de solteiro e adepto da prática de que mulher também paga, Magela precisa sacrificar algumas coisas em benefício de outras. Ele afirma que não consegue acompanhar, por questões puramente econômicas, os lançamentos dos livros e discos que lhe despertam interesse.

Para Carlos Alberto, a cultura também é algo incorporado à sua vida, a começar pelos quadros de artistas brasileiros que substituem, em seu gabinete, os tradicionais cartazes de campanhas políticas. O deputado, que não tem muito tempo para cinema, é apaixonado por música e comprou um CD há duas semanas: Sem cortar gastos, mas selecionando programas e produtos, Carlos Alberto lamenta o empobrecimento cultural do brasileiro: "Quando alguém deixa de consumir cultura, está empobrecendo mais que se deixasse de vestir uma grife da moda ou mudasse do Plano Piloto para uma satélite".

Pacotes para situar o consumo cultural no contexto de empobrecimento da classe média, o **Jornal de Brasília** elaborou dois "pacotes" de produtos culturais, que chamamos de "A" e "B" (veja quadro) estabelecendo o ideal e o mínimo desejável para que o cidadão mantenha-se culturalmente bem informado. No primeiro caso, a soma que se destinaria, individualmente, à cultura, ultrapassa dois salários mínimos, chegando aos Cr\$ 87.400,00 mensais. No caso de um "pacote" cultural mais modesto, a soma atingiria Cr\$ 42.750,00, ou seja, um salário mínimo, no mês de novembro. No caso de um casal, a quantia simplesmente duplica, superando o limite do possível para a classe média.

Algumas das opções encontradas pelos inveterados consumidores de cultura são, entre outras: substituir um show da Rita Lee (Cr\$ 15.000,00) por dois LPs Cr\$ 8.000,00 cada; abdicar do jantar após o teatro; substituir uma *graphic novel* por uma revista HQ de linha (os chamados gibis seriados). Resta a cada um escolher seu "pacote", fazer seus cortes e adaptações. O fundamental, em tempos de crise, é não deixar que a cultura seja um artigo de luxo. Cultura é fundamental.

PROGRAMAÇÃO

B

Teatro

1 peça de fora/mês

Antígona — Cr\$ 8.000,00

1 peça da cidade/mês

Laio — Cr\$ 4.000,00

1 espetáculo de dança/mês

Grupo Corpo — Cr\$ 6.000,00

Música

1 show/mês

Rita Lee — Cr\$ 15.000,00

1 CD/mês

Nathalie Cole — Cr\$ 21.000,00

Cinema

4 filmes/mês — Cr\$ 6.000,00

4 vídeos/mês — Cr\$ 6.000,00

Literatura

1 livro/mês

Estorvo — Cr\$ 9.900,00

1 revista HQ/mês

Graphic — Cr\$ 2.500,00

TOTAL

Cr\$ 78.400,00

Obs.: 1) Nestes cálculos não estão incluídos os gastos com transporte e gorjetas; 2) Os preços de cinema tomados como base são os mínimos; 3) Os espetáculos e produtos citados são, obviamente, apenas exemplos; 4) Não estão também considerados quaisquer gastos com lanche, drink ou jantar após o cinema ou o espetáculo; 5) Todos os gastos citados são individuais